

CASAGRANDE. Lindamir Salete. **Silenciadas e invisíveis: relações de gênero no cotidiano das aulas de matemática**. 1 ed. Curitiba, PR: CRV, 2017.

Cintia de Souza Batista Tortato*

O livro *Silenciadas e invisíveis: Relações de gênero no cotidiano das aulas de matemática* apresenta um tema importante para a área dos Estudos de Gênero que pesquisa, no campo da educação, as origens e permanências de tantas formas excludentes e sexistas que permeiam o cotidiano escolar. A autora, Lindamir Salete Casagrande, professora de Matemática e pesquisadora do campo dos estudos de gênero com pós-doutorado em estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismos pela UFBA, oferece uma abordagem situada e fundamentada sobre a materialidade de práticas pedagógicas que, historicamente são entendidas como ‘neutras’, mas que acabam por justificar o afastamento das mulheres das áreas exatas e tecnológicas.

Este livro se trata da publicação da Tese de Doutorado da autora, defendida em 2011, no Programa de Pós-Graduação em Tecnologia da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. A orientadora do trabalho, professora Marília Gomes de Carvalho, destaca no prefácio a importante contribuição do trabalho para uma educação que ofereça a homens e mulheres, a meninos e meninas, as mesmas oportunidades.

O livro está dividido oito capítulos, sendo no primeiro apresentado a introdução, objetivos e as opções metodológicas, a categoria gênero é fundamentada de início, marcando a abordagem relacional como base teórica destacando Joan Scott (1995), Daniel Simião (2005), Michel Foucault (2009), Jane Felipe e Bianca Guizzo (2003) como algumas autoras e autores consultados. Em seguida, é apresentada a interlocução entre gênero e educação, situando que, dentre as pesquisas que vem sendo realizadas, o contexto do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental não tem sido muito

explorado. Assim, a autora explica a população pesquisada e a opção pelo método etnográfico realizado num espaço de oito meses em aulas de matemática de uma escola pública de Curitiba – Paraná, com observação, entrevistas e análise documental.

O capítulo 2, intitulado como *Iluminando o olhar*, foi construído de forma a apresentar o referencial teórico assumido e levar o leitor a compreender as relações estabelecidas. Como professora que tem trabalhado há tempos com educação, gênero e formação de professores em gênero e diversidade, Lindamir escreve para pessoas que trabalham ou se interessam essas questões. Há uma preocupação em todo o livro em contextualizar, historicizar e situar as premissas, elaborações e considerações. O conceito de gênero passa por essa dinâmica em sua apresentação retomando seus aspectos históricos e diferentes abordagens para se colocar como uma construção social. Mais uma vez são acionadas importantes autoras que tratam da questão: Joan Scott (1995), Claudia Costa (1998), Margareth Rago (1998), Joana Pedro (2005), Maria Luiza Heilborn (1992), Maria Lygia Moraes (1998), Daniela Auad (2006), Donna Haraway (2000), entre outras.

A relação entre gênero, ciência e tecnologia é explicitada nesse capítulo. Vários elementos compõe a análise: os estereótipos que mantêm as mulheres longe das áreas científicas e tecnológicas, os números desiguais de homens e mulheres nas carreiras correspondentes e o papel da matemática nesse contexto. Lindamir coloca, de maneira clara, o conhecimento matemático como condição para grande parte das carreiras científicas e tecnológicas, e relaciona os estereótipos que pressupõe uma falta de

* Mestrado (2008) e Doutorado em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2014). Professora de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal do Paraná - Campus Paranaguá nos cursos de Graduação em Licenciatura em Física e em Ciências Sociais e no Curso de Mestrado em Ciência, Tecnologia e Sociedade - PPGCTS/ IFPR.

habilidade feminina para os números como uma das razões para a exclusão das mulheres nesses campos. A autora cita uma série de estudos que retratam a exclusão das mulheres nas ditas ciências ‘duras’ e relatam justificativas baseadas numa suposta inferioridade natural das mulheres em relação ao tipo de conhecimento que essas áreas necessitam. É no sentido de contrapor esses estereótipos que Lindamir apresenta estudos que explicam e documentam a responsabilidade da educação em preparar e estimular as meninas para o conhecimento e as habilidades necessárias, entre elas a matemática, para que possam fazer suas escolhas profissionais com maior segurança e possibilidades. A falta de mulheres nas carreiras científicas e tecnológicas também se constitui como falta de representatividade para as gerações mais jovens e, segundo Lindamir, acaba corroborando a ideia que sustenta que esse mundo não pertence a elas.

Entendendo a responsabilidade da educação nesse processo, a autora reserva um item especialmente para tratar da escola e de seu papel na construção e manutenção de padrões e ‘normalidades’. Lindamir baseia-se em autores e autoras com posicionamentos críticos diante da escola e de seus responsáveis: Michel Apple (2002), Barbara Freitag (1986), Pierre Bourdieu (1998), José Carlos Libâneo (2003), Guacira Lopes Louro (2001), Montserrat Moreno (1999), Jeffrey Weeks (1999), Rogério Diniz Junqueira (2011). Essas referências trazem uma concepção, ou concepções críticas acerca da escola denunciando a responsabilidade desta na manutenção e, por vezes, o agravamento das desigualdades de gênero, raça/etnia, sexo, orientação sexual, classe, entre outras. Tratando das mais diversas formas de desigualdade presentes no meio escolar, a autora enfoca o fenômeno do *bullying* como uma manifestação de violência vivenciada entre os estudantes e pouco trabalhada pelas escolas. Lindamir segue apresentando mais algumas pesquisas que trataram de gênero e educação com apontamentos que mostram questões da socialização entre meninos e meninas e a violência que permeia a delimitação dos espaços. A agressividade é apresentada como resposta e também como conquista. A manifestação da energia corporal, mais aceita quando vem dos meninos, é entendida, segundo uma das autoras referenciadas como fonte da dificuldade dos meninos em

matemática. O sucesso das meninas, por outro lado, é atribuído ao seu grande esforço pessoal.

Esse é um dos pontos chave do livro de Lindamir Salete Casagrande, a possibilidade de percepção, por meio de seu estudo, dos estereótipos presentes no dia-a-dia das escolas trabalhando constantemente em torno de uma concepção que não tem respaldo científico - meninas não são dotadas de capacidades cognitivas para aprender matemática e áreas afins. A autora cita pesquisas que refutam essa concepção e demonstram que mulheres podem ter desempenhos iguais ou superiores aos desempenhos dos homens se tiverem as mesmas condições de aprendizagem. Situações como a diferença das expectativas de professoras com relação a meninos e meninas, diferenças de tratamento, diferenças de apoio, diferenças de critérios de avaliação, de brincadeiras, de oportunidades são abordadas no livro no sentido de materializar as práticas pedagógicas excludentes.

A construção da feminidade e da masculinidade não é prerrogativa somente da escola, acontece desde antes do nascimento. Na escola, essa construção se torna visível por meio da percepção que meninos e meninas apresentam sobre seus próprios desempenhos. Lindamir evidencia esse fato relatando, com base em pesquisas, que as meninas frequentemente duvidam de sua capacidade e são extremamente exigentes consigo mesmas.

O capítulo três detalha a metodologia da pesquisa explicando os procedimentos adotados, o campo da pesquisa, a composição da amostra, os critérios de observação, as entrevistas e os entrevistado/as (aluna/os e professora/es) e os documentos consultados.

No capítulo 4 a autora apresenta suas observações do trabalho de campo onde focou suas análises nas formas de interação entre os gêneros nas aulas de matemática, identificando pontos de conflitos e aproximação. Entre seus achados de pesquisa Lindamir confirmou o que outras pesquisas já haviam apontado: os processos intra-gênero são preferíveis pelos estudantes, o que, resulta da mesma construção social que aproxima interesses parecidos por sexo. Assim, nos momentos de tensão se evidenciaram as dificuldades, os conflitos,

situações de discriminação por gênero, raça, *bullying*, e as aproximações se davam nos momentos de lazer. A pouca participação em sala tanto de meninos como de meninas também foi observada por Lindamir e relacionada aos processos de socialização, onde, dúvidas geram ridicularização e por isso alunos e alunas evitam a própria exposição diante do grupo.

Sobre o comportamento de meninos e meninas nas aulas de matemática a forma de socialização também foi evidenciada: meninos mais barulhentos e agitados, captando mais atenção de professores e professoras e meninas mais contidas e mais distantes da percepção dos docentes. Lindamir observou, no capítulo 5 que as meninas desenvolvem estratégias de sobrevivência, mas, nesse espaço se materializam as relações de poder que articulam possibilidades futuras. A competição, a necessidade de pertencimento, as brincadeiras e as violências também foram analisados pela autora relacionando as formas de interação de jovens da faixa etária estudada, as questões de identidade, identificação e diferenciação presentes nessa interação e a agressividade que se torna ‘naturalizada’ pois faz parte das dinâmicas envolvendo as brincadeiras. A riqueza das análises se constitui na medida que estas são feitas e apresentadas por gênero, num exercício epistemológico e analítico que se alinha com a proposta geral do trabalho: compreender como as relações de gênero são construídas numa sala de aula.

Para os capítulos 6 e 7, Lindamir reservou importantes resultados de pesquisa relacionados às percepções de docentes e dos alunos e alunas sobre seus rendimentos escolares e as expectativas profissionais influenciadas ou não pela matemática. Formas de perceber o próprio desempenho também se revelam como resultado de um processo socialização diferente para meninos e meninas, capacidade intelectual, esforço e dedicação, tempo de estudo e realização de tarefas com regularidade foram pontos fortes para os e as discentes, ainda que as meninas tenham a impressão que precisam estudar e se esforçar mais que os meninos. Já entre os docentes a percepção revelada difere daquela alcançada pelos próprios/as estudantes.

A negação da percepção de uma diferença por gênero nas questões de rendimento chama a atenção para a invisibilidade do gênero embora as falas de professores

e professoras marquem uma diferença e revelem uma expectativa gendrificada. Lindamir analisa esses resultados com riqueza de detalhes e rigor metodológico suficientes para desvelar a importância e urgência de um ‘olhar de gênero’ por parte de quem trabalha com docência. A influência de uma boa relação com a matemática e as escolhas profissionais futuras se mostrou importante nessa pesquisa. O reconhecimento, por parte dos/as estudantes, da importância que a matemática tem para seus futuros também ficou claro a partir dos resultados. Os alunos e alunas demonstraram valorizar essa área de conhecimento e Lindamir soube buscar e analisar esse resultado tendo em vista as possibilidades de carreira que despontam no horizonte do universo pesquisado. O entendimento, tão rico, de que a forma com que a escola apresenta e oportuniza as aprendizagens pode ser decisiva na escolha profissional, portanto, no futuro de alguém, foi brilhantemente apresentado por Lindamir nesse importante trabalho de pesquisa. Paraphrasing the author, if there is any doubt of what the math classes do not constitute a neutral territory, “the gender relations in the classroom of mathematics occur intensely” (CASAGRANDE, 2017, p.210).